

HISTÓRIA ORAL EM ESPAÇOS FERROVIÁRIOS: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE IDOSOS EM ASSIS-SP

ORAL HISTORY IN RAILWAY SPACES: ELDERLY PEOPLE'S MEMORIES AND NARRATIVES IN ASSIS-SP

Caio de Campos¹
Lívia Morais Garcia Lima²

RESUMO: Este artigo analisa memórias de idosos ligados à ferrovia de Assis-SP, investigando como suas trajetórias laborais e urbanas influenciaram suas identidades e envelhecimento. Por meio de História Oral, entrevistas com ex-ferroviários destacaram narrativas sobre trabalho, cotidiano e velhice. Os resultados mostram que a maioria, aposentada com estabilidade financeira, vive uma velhice confortável, marcada por lazer, redes de apoio e pertencimento à "fraternidade ferroviária". No entanto, há disparidades socioeconômicas, evidenciando a necessidade de políticas públicas mais inclusivas. As imagens do texto, baseadas nas entrevistas, retratam visualmente essas memórias. Conclui-se que a ferrovia moldou tanto trajetórias individuais quanto a memória urbana de Assis, reforçando o valor da História Oral para preservar vozes marginalizadas. O estudo enfatiza a heterogeneidade do envelhecimento e a importância de abordagens interseccionais em futuras pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória urbana; narrativas; idosos; ferrovia; Assis; História Oral.

ABSTRACT: This article examines the memories of elderly individuals connected to the railway in Assis, São Paulo, exploring how their work and urban experiences shaped their identities and aging processes. Using Oral History methods, thematic interviews were conducted with former railway workers, focusing on narratives about labor, daily life, and aging. Findings reveal that most retirees, financially stable, experience a comfortable old age, marked by leisure, support networks, and a strong sense of belonging to the "railway brotherhood." However, socioeconomic disparities in aging highlight the need for more inclusive public policies. The article's images, based on interviews, visually depict these shared memories. The study concludes that the railway not only shaped individual trajectories but also the urban memory of Assis, underscoring the importance of Oral History in preserving marginalized voices. It

¹ Graduando em História (UNESP). Universidade Estadual Paulista. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9845-6726> Email: cm.campos@unesp.br

² Doutora em Educação (UNICAMP). Universidade Estadual Paulista. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9962-7820> Email: livia.m.lima@unesp.br

emphasizes the heterogeneity of aging experiences and the relevance of intersectional approaches in future researches.

KEY-WORDS: Urban memory; narratives; elderly people; railway; Assis; Oral History.



10.23925/2176-4174.36.2025e72344

Recebido em: 02/07/25.

Aprovado em: 10/08/25.

Publicado em: 10/08/25.

Introdução

A memória é o elemento base para se construir narrativas acerca dos tempos passados. É a partir do que se interpreta do fluxo da memória (lidando com lembranças e esquecimentos) que se torna possível acessar o passado. Esse conceito trata-se de uma atividade consciente dos indivíduos de preservarem e esquecerem processos e vivências experimentados em tempos que já se foram (Lowenthal, 1981). É necessário destacar a importância das relações desenvolvidas em espaços urbanos, como a ferrovia, enquanto palco e base da memória, pois são nesses espaços que a vida é vivida gerando as lembranças, que serão o fio condutor para a lapidação da memória. Sobre essa temática, destacam autores como Moreira (1989) e Mota (2013), que concordam ao afirmar que a memória ferroviária além de falar sobre a alteração da paisagem urbana, também revela como as relações sociais se organizavam, partindo da premissa que o trabalho e a convivência nesses espaços contribuíram no desenvolvimento da vida e da cosmovisão dos sujeitos que ali estavam inseridos.

Outro conceito importante a se destacar para o presente artigo é o de memória urbana que diz respeito ao estoque de lembranças materializadas na paisagem e em fontes documentais que estão alinhadas às memórias individuais e coletivas de grupos sociais que produzem a cidade (Abreu, 2012). Fernandes, Barros, Lima (2022), ao falarem das cidades como palco de narrativas e reflexões, afirmam que essas localidades, cada vez mais, são espaços de desenvolvimento de atividades e trabalhos que moldam a identidade e transformam os ideais dos sujeitos envolvidos

nesses espaços. Para as autoras, “narrar a cidade” é apostar em determinadas histórias, memórias, sentidos e sujeitos. Isso possibilita a ampliação de vozes e preservação de vivências de indivíduos que fazem acontecer os processos sociais, ideológicos, comerciais, religiosos e econômicos dessas localidades.

Senra (2020) destaca que a cidade é responsável por inscrever a história do urbano e essa história é construída no coletivo, por conta dos significados e significâncias que os sujeitos dão a esse espaço, a partir de suas memórias que foram construídas individual ou coletivamente. O autor ainda acrescenta que esses significados possuem diversas dimensões, sendo elas reais e virtuais, concretas e simbólicas; sem contar que é também a cidade responsável por construir identidades e identificações nos indivíduos que se relacionam nessa rede de perspectivas e acontecimentos.

Um exemplo de espaço que contribui para a construção da memória urbana são as estações ferroviárias e as linhas férreas, presentes em diversas localidades do estado de São Paulo. Esses espaços foram o principal meio de locomoção de passageiros e de carga durante décadas. Por tratar-se de estruturas econômicas e de relações sociais, diversas cidades no interior do estado desenvolveram-se ao redor das ferrovias. Uma delas é Assis, localizada no Oeste Paulista. A cidade em questão possuiu, por algumas décadas, uma estação de locomotivas e uma malha férrea que se estende por dentro da área urbana do município. Quando se apresenta a ferrovia de Assis como um espaço presente na rede urbana da cidade, é necessário entender que diversos sujeitos estiveram envolvidos com a ferrovia - esse envolvimento se deu tanto por relações de trabalho, por mobilidade urbana quanto por atividades comerciais e de lazer que estavam atreladas ao conjunto ferroviário – e esses sujeitos carregam em si construções de memória sobre esse espaço e essa memória pode ter uma importância na identidade deles ou não. Além disso, como já foi apresentado, a ferrovia foi importante para o desenvolvimento urbano de Assis, no entanto, entra-se no paradoxo de que por um lado a ferrovia alavancou o crescimento do município, ao mesmo tempo que a cidade foi o palco para a ferrovia funcionar; logo, esse espaço constitui-se um elemento fundamental para a memória urbana dessa localidade (Pereira; Fiorin, 2015). Todavia, os espaços ferroviários encontram-se, em sua maioria, degradados ou abandonados, sem políticas públicas de patrimonialização.

Portanto, o acesso ao que um dia foram esses espaços só é possível pelas narrativas dos sujeitos envolvidos com os processos históricos dessa localidade.

FIGURA 1: Antigas oficinas e galpões de manutenção da ferrovia de Assis - SP



FONTE: Acervo pessoal do autor (27/01/2025).

Ao falar de antigos funcionários e de moradores da região da ferrovia de Assis, selecionamos como sujeitos de pesquisa um grupo de indivíduos que são, constantemente, negligenciados e excluídos por terem sido afetados drasticamente pelo tempo: as pessoas idosas. A velhice na contemporaneidade é repulsiva, odeia-se envelhecer. Domingues (2014), afirma que as generalizações sobre o envelhecimento trazem um comprometimento ímpar para o conhecimento das diversas experiências de velhice e apaga a individualidade dos idosos, colocando-nos num lugar único e igualitários; como se o envelhecer homogeneizasse a vida. Concordando com isso, Bosi (1993), traz que a sociedade diz respeitar idosos, mas tenta excluí-los de uma posição ativa e busca colocá-los como passivos do hoje, como se seu tempo já tivesse passado. Entretanto, é na velhice que a experiência se torna plena. Além disso, o idoso passa a ser um sujeito que não está mais ausente do conjunto dos discursos produzidos, em especial nos debates sobre políticas públicas, em momentos eleitorais e até mesmo na definição de novos mercados de consumo (Farah, 2000; Debert, 1999).

Para Barroso (2021), o idoso precisa ser considerado um narrador, uma vez que ele é alguém que experenciou e, ainda hoje, experiencia as transformações e permanências ocorridas através do tempo nas relações entre pessoas e o mundo que as cerca. Para a autora, a memória dos velhos funciona como testemunha da história, uma vez que se revelam uma fonte inesgotável de experiências, construídas sobre contradições e rupturas que constituem o prisma da história, para assim deixar à tona os vestígios do passado. Logo, é necessário perceber que a população idosa de Assis podem ser detentores da memória que contribui para o desenvolvimento da cultura e identidade local. As pessoas idosas destacam-se não apenas por saberem das atividades em questão, mas por terem experienciado de perto as transformações da cidade no decorrer do tempo e, a partir, do desenvolvimento das atividades férreas. Para fundamentar essas ideias, é possível refletir no trabalho de Bosi (1993), onde a autora, através das narrativas de idosos operários na cidade de São Paulo, debate sobre como esses sujeitos e suas memórias são a pedra fundamental para se entender a história da cidade, haja vista que, foram eles em suas experiências que constituíram e experimentaram das tessituras urbanas, afetando e sendo afetados, moldando os espaços e criando redes de atravessamentos. Ou seja, a narrativa de idosos pode contribuir para se entender essa relação de memória, memória urbana e envelhecimento:

“Afirmar a velhice como uma experiência narrativa não se justifica pelo fato do idoso se encontrar em um momento em que várias histórias se acumularam ao longo de sua vida, mas porque são essas histórias que afirmam o seu modo de ser, de ver a vida e de se relacionar com os outros, e que o tornam testemunha e guardião das memórias de nossa sociedade” (Domingues, 2014, p. 557).

O objetivo geral da pesquisa de iniciação científica que deu origem ao presente artigo consiste em investigar, a partir da narrativa, a memória social de idosos, antigos moradores e ex-funcionários das redondezas da estação ferroviária de Assis, entendendo as mudanças temporais ocorridas nesse espaço. Ao se tomar o espaço ferroviário, presente na região urbana de Assis, como objeto de análise, poderemos discutir percepções sobre o envelhecimento e seus entrecruzamentos com a vida urbana, principalmente ao tencionar e cotejar questões do tempo presente, seja por estudos temáticos ou trajetórias de vida. A problemática principal está em questionar

se o trabalhar na ferrovia e/ou habitar a região ferroviária de Assis levou os sujeitos desses espaços a se enraizarem, moldando a sua identidade, o que conduz para um segundo questionamento que se baseia em compreender como os indivíduos entrevistados veem o envelhecimento nesse espaço que constituiu (ou não) quem eles foram, são e se tornarão.

Partimos das coletas de entrevistas, utilizando da metodologia da História Oral, com moradores idosos, identificando suas memórias individuais e coletivas. Desta forma, para realizarmos nossa pesquisa, é necessária a compreensão de alguns conceitos que serão fundamentais no decorrer da pesquisa, que serão discutidos adiante e, após, refletiremos sobre os resultados já obtidos e analisados (colhidos em um primeiro momento do trabalho de campo, haja vista que, trata-se de uma investigação em desenvolvimento). A pesquisa tem sido desenvolvida com apoio financeiro da FAPESP³ e em colaboração com o grupo de pesquisa “Memória Ferroviária”⁴ da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Os resultados e os materiais colhidos ao longo da pesquisa ficarão armazenados e arquivados no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa “Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa (CEDAP – UNESP/ Campus Assis)⁵. Além disso, o projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil⁶ para apreciação e análise do Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP, e aprovado de acordo com a Resolução CNS nº 510/16 que normatiza pesquisa envolvendo seres humanos (BRASIL, 2016). Os resultados da Pesquisa serão divulgados para o público participante

Metodologia e abordagens como ponte para a pesquisa

No tocante à metodologia central empregada na presente pesquisa, Barroso (2021, p. 15) apresenta a História Oral como uma metodologia que amplia as

³ Processo: 2024/18001-8

⁴ Vide grupo de pesquisa Memória Ferroviária. Disponível no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8406139181018644>.

⁵ O Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa (Cedap – UNESP / Campus de Assis) é uma Unidade Auxiliar criada pela Resolução Unesp 59, de 22/11/96. Sua origem, no entanto, remonta a 1973, quando foi criado, por iniciativa do Departamento de História, um espaço com o objetivo de propiciar as condições necessárias de pesquisa ao curso. Em 1996, mediante a referida Resolução Unesp, tornou-se oficialmente Unidade Auxiliar, recebendo a denominação que vigora até hoje.

⁶ CAAE: 79972424.9.0000.5401

possibilidades da escrita científica, porque se move nas rugosidades do discurso que se refazem como imaginários nos fluxos de memória e definem identidades. Para Portelli (2016), as fontes orais são usadas como eixo de um tipo de trabalho histórico diferente dos tradicionais, nos quais ligam-se a memória, narrativa, a subjetividade e principalmente o diálogo; moldando a própria agenda do historiador.

Trata-se, portanto do uso desse tipo de documentação que contribui fortemente para a construção do saber histórico através das narrativas, que geralmente contam experiências pessoais sobre determinados eventos, temas, tempos e espaços; contribuindo assim para colher memórias construídas por sujeitos que nunca tinham sido ouvidos e, montar quadros históricos- biográficos desses sujeitos que participaram direta ou indiretamente nos processos e contextos analisados e estudados. Para Portelli (2016), as fontes orais são usadas como eixo de um tipo de trabalho histórico diferente dos tradicionais, nos quais ligam-se a memória, narrativa, a subjetividade e principalmente o diálogo; moldando a própria "agenda do historiador". Para o autor, quando as fontes possuem essas particularidades, é necessário que o uso crítico que se fará delas seja abordado a partir de procedimentos específicos, arqueados à sua forma, origem e natureza peculiares.

Lucena (2024) intitula a História Oral como "a arte de conversar", pois ela possibilita a construção de uma história da memória e essa relação toma forma na narração oral e essas narrativas podem se conectar a outras, formando um cipóal de experiências e um quadro com múltiplos perspectivas acerca de um mesmo espaço, evento ou experiência. Santhiago e Magalhães (2015) atentam que a História Oral se caracteriza como um processo de rememoração e que, a memória humana não é um arquivo mecânico, como o disco rígido de um computador ou fichário em que se guardam os fatos integralmente, mas sim, é seletiva; fixa as informações de acordo com sua relevância e com base na percepção individual, a qual é resultado das emoções, valores, fase da vida daquele que a vive. Esses aspectos também vão influenciar no momento da rememoração, dando determinada forma à lembrança, conforme o estado do indivíduo no momento presente.

Dessa forma, a lembrança é sempre resultado da relação entre o passado (fato percebido) e presente (visão de mundo atual, emoções momentâneas), já que ao recontar o passado certamente há de se avaliar e refletir sobre ele, talvez dando

àqueles fatos novas nuances – o que antes talvez fosse relatado e defendido arduamente pelo narrador, hoje pode ser relatado como engano, arrependimento, por sua percepção atual da realidade. No entanto, o que interessa à História Oral é exatamente a percepção peculiar do narrador sobre o fato e não o quanto ele é fidedigno ou não. Por isso, na metodologia da História Oral os sonhos, a imaginação e as perspectivas de realidade têm voz e lugar de fala, misturando-se à narrativa histórica (Lucena, 2024).

Na presente pesquisa está sendo utilizada a modalidade da entrevista temática, na qual, segundo Santhiago e Magalhães (2015), o pesquisador explora, junto ao narrador, questões orientadas por um tema, buscando informações precisas, bem localizadas e pontuais. Cada entrevista tem trazido construções dialógicas (entrevistadores/entrevistados), privilegiando o relato de experiências individuais que tenham adquirido relevância coletiva, a partir de temas como: saúde, vida familiar, transformações do espaço em que vivem, trabalho, vida privada, entre outros desafios no cotidiano desses sujeitos. E Além das entrevistas, tem sido desenvolvido o uso do caderno de campo, que conforme Magnani (1997) aponta sobre sua importância afirmando que para além de uma função catártica, o caderno de campo pode ser pensado também como um dos instrumentos de pesquisa. Ao registrar, na linha dos relatos de viagem, o particular contexto em que os dados foram obtidos, permite captar uma informação que os documentos, as entrevistas, os dados censitários, a descrição de rituais, - obtidos por meio do gravador, da máquina fotográfica, da filmadora, das transcrições - não transmitem. (MAGNANI, 1997. p.10).

Por fim, a abordagem dos entrevistados tem se dados a partir da técnica “bola de neve”, que se define como uma técnica que seleciona uma “semente”, ou seja, um intermediário inicial que indicará ao pesquisador outras pessoas que possuem o perfil necessário para realização da pesquisa. A “semente”, pode ser, inclusive, um dos participantes do estudo. As pessoas indicadas são solicitadas a indicarem outras, formando assim uma “bola de neve” de contatos, por isso a técnica possui esse nome (Bockorni; Gomes, 2021). A pesquisa demandará a realização de 10 entrevistas, nas quais 5 já foram realizadas e serão debatidas nesse texto mais adiante.

Reflexões das narrativas coletadas

Por tratar-se de uma pesquisa em desenvolvimento, ainda não há resultados concretos, haja vista que os processos de entrevistas, transcrições e análises ainda estão acontecendo. Portanto, o que se pretende nessa seção é abordar as primeiras reflexões que os dados já colhidos geraram e como essas reflexões se entrelaçam aos temas pesquisados, compondo uma trama de experiências a partir das perspectivas dos sujeitos envolvidos com os espaços. Até o presente momento, foram entrevistadas 6 pessoas (totalizando 5 entrevistas, haja vista que uma delas foi realizada com dois indivíduos ao mesmo tempo). Os contatos foram conseguidos a partir da base de dados do Projeto Memória Ferroviária, por meio de informativos em grupos de redes sociais e por indicações dos próprios entrevistados. As narrativas foram realizadas com uma média de 50 minutos cada, priorizando os temas de envelhecimento, trabalho ferroviário e vida cotidiana na cidade de Assis. O roteiro foi estruturado previamente, embasado em experiências anteriores de trabalhos de campo, com temáticas semelhantes.

A seguir, apresentaremos os entrevistados e trechos comentados das entrevistas, em blocos temáticos que se comuniquem com a bibliografia do trabalho, buscando entender como esses sujeitos veem a cidade e como interpretam seu processo de envelhecimento e tudo isso atrelado à ferrovia. Os nomes dos narradores serão mantidos, haja vista que todos concordaram e permitiram a divulgação plena de suas identidades. O recorte de idade pautou-se em sujeitos com mais de 65 anos. Além dos relatos, adicionaremos fotografias do período de atividades em campo, a fim de explicitar visualmente e dar forma e função às narrativas.

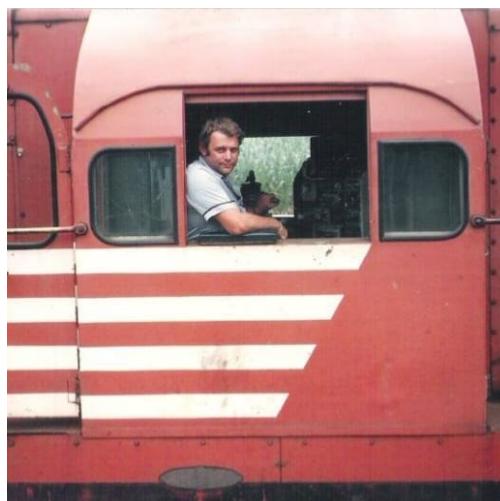
Relação com a cidade

Os entrevistados pouco falaram, diretamente, de sua relação com a cidade; porém, foi possível perceber como ela permeia seus discursos, seja citando locais dentro do município ou rememorando os seus tempos de juventude. É interessante que, em seus relatos, os narradores enfatizam que embora tivessem tido a oportunidade de se estabelecer em outros lugares, preferiram manter-se na cidade de Assis. Guerra (2021) citando Bosi (1993) fala dessa relação dos sujeitos com à cidade, onde eles estabelecem sua memória através das tessituras do urbano. As autoras concordam com a ideia de que a cidade cria caminhos que atravessam as

subjetividades dos sujeitos e colaboram para eles pensarem sobre si, lendo o mundo e relacionando-se no coletivo através dos atravessamentos que a urbe possibilita.

Sempre optei por morar em Assis. Mesmo quando eu ia trabalhar fora, a família ficava aqui. Eu saía, trabalhava fora. Às vezes, ficava uma semana fora. Mas, fim de semana, voltava pra casa. Não mudei de Assis. Gosto de Assis. Nascido e criado e quero morrer aqui (José Luiz Chizoline, 74 anos).

FIGURA 2: José Luiz Chizoline trabalhando como maquinista de trem



FONTE: Acervo pessoal de José Luiz Chizoline (não consta a data)

Os entrevistados, quando questionados do porquê permaneceram em Assis, revelam informações interessantes que concordam também com a ideia da filósofa francesa Simone Weil (2001) de que o bem coletivo, estruturado em um espaço (nesse caso na cidade) é o fundamento pelo enraizar-se desses sujeitos (sendo esse enraizamento, um conceito cunhado pela autora, que se define por uma necessidade da alma ao pertencimento pleno em espaços e grupos sociais):

Não sei, acho que a criação, eu tinha muito conhecido aqui, muito colega. Eu sempre fui assim, de fazer turminha, de sair para naquele tempo, tinha muito.. bailinho... Chamava brincadeira, nas casas de colega. A gente ia em querimesse na época. Eu tinha muita ligação, de amizade aqui. Então a minha raiz é Assis. Nunca pensei.... nem aposentado agora. Sei que tem cidade que tem bem diferente de Assis, mais desenvolvida, vamos dizer assim. Mais desenvolvida, mas nunca pensei em mudar, não (Antônio Tavares Passos, 68 anos).

FIGURA 3: Antônio Tavares Passos trabalhando como assistente de maquinista



FONTE: Acervo pessoal de Antônio Tavares Passos (março de 1986).

Portanto, foi possível notar que aos sujeitos entrevistados a relação com a cidade está intimamente ligada às práticas cotidianas. Eles nasceram nessa cidade, se estabeleceram profissionalmente, constituíram suas famílias, construíram vínculos afetivos, moldaram sua realidade ao dia-a-dia da cidade. Logo, concordando com Corrêa (2016) esse espaço fundamenta-se como o palco das principais realizações humanas, motivo esse que faz com que muitos sujeitos decidam por enraizar-se permanentemente em um só lugar.

Ferrovia e saudosismo

Nesse tópico é importante salientar que, a realidade das ferrovias estão longe de terem sido o que os relatos contam. Todos os entrevistados fazem parte de círculos sociais comuns e vivem algo conhecido por “fraternidade ferroviária”, onde há um sentimento de unidade entre os trabalhadores da classe, principalmente aqueles que ocupavam cargos que transitavam entre diversos ramais, possibilitando um maior deslocamento e conexão com outros trabalhadores (Mota, 2013). Exemplo disso, foi quando perguntado a uma entrevistada se todo o círculo social deles era composto por ferroviários e ela respondeu que sim e, reforçando o fato de ter se casado com um ferroviário (entrevistado junto com ela) e o contato entre os dois ter sido intermediado por uma amiga, também ferroviária:

Tudo ferroviário. Aí começamos com o padre, ferroviário. Então... Trabalhei muito tempo no depósito com o engenheiro, né? O Sérgio. Ele já faleceu. Aí peguei amizade com a esposa dele, com os filhos. Uma vida bem bonita na ferrovia (Janice Guerra do Carmo, 67 anos).

FIGURA 4: Ferroviários em frente ao prédio da estação ferroviária de Assis - SP



FONTE: Acervo pessoal de José Luiz Chizoline (não consta a data)

Além disso, os entrevistados até agora foram pessoas que progrediram em suas carreiras por virem de famílias ferroviárias, por terem condições e acesso a melhores estudos e, ainda, aposentaram-se entre seus 50 e 60 anos, com salários altos e todos possuem estabilidade financeira há anos, podendo criar os filhos com conforto (Moreira, 1989).

Muita gratidão pela ferrovia... Porque o que eu tenho hoje... Eu não trabalhei assim na ferrovia. Para mim eu adquirir tantos bens, mas o que eu tenho hoje foi graças ao trabalho da ferrovia... Eu queria trabalhar na ferrovia. Eu tenho minha casa, não pago aluguel. Minha casa é boa, casa grande. Dá até para fazer outra no fundo, no quintal. Tenho a casa, tenho um carro novo. Sempre estou trocando. Tenho uma vida, um salário bom. Um salário, graças a Deus... Não é o tempo da INSS, não. Não é oito mil, não... Oito mil, cento e pouco, não. Mas chega perto. Então eu tenho meu salário (Antônio Tavares Passos, 68 anos).

Portanto, os relatos aqui dispostos mostram realidades de trabalho de pessoas abastadas que, construíram suas memórias a partir de vivências que outros trabalhadores dentro da própria ferrovia não tinham, como o caso dos trabalhadores das vias permanentes, que enfrentavam as intempéries do clima, faziam serviços braçais e longas jornadas de trabalho. Um exemplo disso é a fala sobre o progresso de carreira dentro da ferrovia, como se fosse algo universal, quando era segregado aos que tinham maior escolaridade e se destacavam com indicações.

A FEPASA era boa porque ela tinha... Ela não tinha inicialmente um plano de carga de salário, mas ela tinha uma sistemática que ainda tinha aquela coisa... Hoje não tem mais, infelizmente, meritocracia, aquela coisa toda. Você estudava, se dedicava, se empenhava. Então, o pessoal via e vinha dando promoção. Então, eu fui galgando... De aprendiz, que eu entrei lá, eu saí como técnico. Eu cheguei a ser encarregado. Abri mão disso, porque eu não queria. Não é a minha praia. Não é um curto assim... Não está comigo. Aí eu tive que abrir mão (Marcos Antônio Pedroso, 65 anos).

FIGURA 5: Carteira funcional de Marco Antônio Pedroso



FONTE: Acervo pessoal de Marco Antônio Pedroso (01/02/1974)

Processos de envelhecimento

Os processos de envelhecimento são plurais e, portanto, não podem ser resumidos aos discursos, narrativas e perspectivas de um grupo específico. Por isso, é preciso analisar as diferentes formas com que essa fase da vida é encarada pelos sujeitos, levando em conta diversos fatores contextuais como classe, gênero e raça; a fim de ir contra os estereótipos e preconceitos já existentes sobre as pessoas idosas. (Lima, 2024). Porém, como já dito anteriormente, a rede de contatos estabelecida até o momento foi de pessoas que possuem experiências semelhantes no envelhecer, há vista que, todos são pessoas brancas, de classe média alta que ao longo da vida sempre tiveram acesso a confortos que permitiram um envelhecimento privilegiado.

Portanto, os próximos trechos concordam entre si e falam de um envelhecer cheio de alegrias, descanso infindável, extrema atividade em diversos meios e alto consumo; facilitando que a ideia, já entranhada no senso comum, de “terceira idade”, conceito construído com base em pressupostos capitalistas e neoliberais que veem os idosos como consumidores, portanto, devem ser muito ativos e sempre atentos às mudanças da sociedade e se inserir violentamente nelas, tendo a velhice como um nicho de mercado; onde somente sujeitos com privilégios financeiros podem desfrutar, segregando como velhos aqueles que não conseguem acompanhar esse ritmo frenético por diversos fatores e como “terceira idade” os que galgaram esse espaço se perpetue. (Côrrea, 2009).

É importante destacar uma recorrência em todos os relatos: a fraternidade ferroviária e o poder aquisitivo como fatores determinantes para um envelhecimento digno. Todos os entrevistados se aposentaram entre os 45 e 55 anos, portanto, todos têm pelo menos 20 anos de aposentadoria. O processo de envelhecimento é menos penoso por não precisarem mais trabalhar. Além disso, todos possuem salários altos por terem desempenhado funções de elite na ferrovia, portanto, ao envelhecer conseguem ter uma qualidade de vida superior a de pessoas com trabalhos menos favorecidos. Tais fatores concordam com Debert e Simões (1998) que afirmam que a terceira idade configurou-se como uma fase em que as pessoas mais velhas, já chegando à aposentadoria, não estavam galgando o descanso ou a segurança salarial; mas uma etapa onde poderiam desfrutar de lazer, práticas sociais diversas que o tempo de trabalho não permitiu. Por isso, nessa seção, pretendemos inserir

individualmente os relatos dos entrevistados para uma melhor compreensão dessa discussão.

O primeiro caso nesse tópico é o de Antônio Pereira do Carmo, 74 anos e de sua esposa Janice Guerra do Carmo, 68 anos. Eles foram entrevistados juntos, em sua residência. Seus relatos sobre envelhecimento pautam-se em dois pilares: família e lazer. O lazer é a recreação com amigos, a ida e cultivo da propriedade rural da família e o cuidar dos netos:

O nosso tempo é gasto assim. Eu não vou.... Um dia da semana eu tiro pra folga, a quinta-feira. Aí pra gente ficar com os netos. Vem almoçar com a gente aqui. Passa o tempo com a gente aqui... Ela dificilmente vai no sítio. Às vezes quando ela quer ir a gente vai. Mas eu vou só depois do almoço. Porque nós não temos sítio lá, mas é mais é pra lazer do que pra produção. A gente planta mandioca, planta milho, planta...

Janice enfatiza os mesmos aspectos que o marido, porém acresce suas práticas de atividade física, as visitas semanais a uma tia, os passeios e viagens aos fins de semana. Com isso, comprova-se o que já foi dito sobre o envelhecimento privilegiado, haja vista, que eles desfrutam de coisas básicas que todos deveriam ter acesso, mas que são negligenciados a idosos de condições mais pobres.

Pra nós é tranquilo, né bem? De saúde nós não temos... A gente faz os exames todo ano. Tô com um pouquinho de colesterol e triglicídeos... Ele fala que é da cerveja. A gente gosta de tomar uma cervejinha gelada.... Mesmo quando ele chega do sítio. Ele vai arrumar a janta, porque eu não jantou, eu como só um lanchinho, uma salada. Aí ele fala: "vamos abrir uma cervejinha?" Aí toma em dois. Pra nós tá bem tranquilo. A gente sai bastante, se diverte. Quando os filhos precisam... Essa filha... O meu genro também foi ferroviário. Ele tava na ferrovia...

O segundo caso é o de Marco Antônio Pedroso, 65 anos. Ele é residente de Assis há pouco mais de 20 anos, tendo se mudado após se desligar da ferrovia. Assim como o caso anterior, Marco passa o processo de envelhecer com uma perspectiva boa. A aposentadoria veio entre os 50 e 60 anos, portanto, pode descansar e passar seu tempo em casa, cuidando da família.

Nossa, para mim está super tranquilo. O único problema é que eu tinha idade com dor, né? Com dor, tu não tem lugar, né? Dói tudo, velho. Mas, meu, não sei [...]. Para mim está tranquilo. É lógico que tem coisa

que o joelho, por exemplo, já não aguenta mais.... Mas aí é problema hereditário [...]. Mas pra mim, hoje em dia, esse aqui é o mais... É o que sofre mais, sabe? Porque o que eu faço é hidroterapia na UNIP lá. Dizem que vão chamar de novo, mas já faz duas temporadas que eu faço lá. É uma delícia. É uma atividade que eu sei que eu vou fazer muito bom. Mas antes eu saio com o cachorro.... O cachorro também é um vagabundão, sabe? Porque não tá querendo muito andar. Não sei se é que queima a pata, tá muito quente aí. "Eu não vou não. Melhor ficar em casa brincando". Eu brinco com o cachorro. Mas a minha... A minha vida resume a ficar e fazer as coisas em casa e tal. Assisto muito noticiário, vê alguns filmes e tal, um documentário. Vejo a opinião de todo mundo. Concordo com alguns... Discordo da maioria. Mas gosto muito de futebol. Então, assisto muito jogo. Ainda bem que tem o TV a cabo, né? Então, eu assisto lá tênis, basquete, hoje eu estava assistindo handball, joguei handball, na época, é isso.

O terceiro apresentado aqui é José Luiz Chizoline, 77 anos. Ele também é ferroviário aposentado e, para a realização da entrevista fomos até a antiga estação ferroviária de Assis (atual secretaria municipal de cultura). "Zé Luiz", como é conhecido, estava de andador por conta de uma fratura nos dois fêmures ocorridos em 2023. Ele contou que gosta de se movimentar, que não quer ficar parado e com isso disse que somente seu corpo envelheceu, que ele desfruta do máximo que dá (viaja, vai aos médicos, aproveita com a família). É interessante notar como uma fratura tão grave não impossibilitou ele de viver uma vida comum e isso, segundo seu relato, se deve ao acesso a bons meios de tratamento de saúde.

Envelhecer, envelhecer é bom, rapaz. Mas chegando, eu cheguei aqui, muita gente não teve esse privilégio, né? Muita gente, a minha filha mesmo teve privilégio, né? Com 36 anos ela falou assim, mas tudo bem, vamos deixar de lado. É, a velhice, você vai ficar velho, você vai lembrar do que eu vou falar. A velhice é muito boa. A velhice é muito boa. Desde que você viva bem, né? Você tem um lar pra você morar, uma casinha, um salário pro seu sustento, então tudo bem. Mas a velhice é muito boa

Outra narrativa é a de Francisco Alves Rodrigues, 74 anos. Seu relato não foi apresentado anteriormente, pois pautou-se na história da ferrovia como um todo, uma crítica à privatização e apontamentos sobre a política brasileira. Sua contribuição à pesquisa está na sua fala quanto o envelhecimento. Ele reconhece os privilégios que

possui e as facilidades presentes em sua vida por conta da posição social que ocupa, atualmente. Todavia, sua narrativa foi contada sob uma perspectiva indignada e um tanto quanto deprimida, em vista da situação que o país se encontra atualmente. Seu envelhecimento é atravessado por todas essas questões.

Olha, eu vou falar agora pra você que o processo de envelhecimento, pra mim, se eu falar que ele é ruim, eu tô mentindo porque... Eu tenho uma... Eu tive sorte na vida de eu e minha mulher ter sido funcionário e ter uma vida razoável. E meus filhos ter estudo, ter seus trabalhos, seus empregos. E... Nunca fui de frequentar a sociedade, mas eu sempre gostei de dar uma pescadinha aqui, uma pescadinha ali. Tanto que pescava ali no laguinho, pescava ali. Então, a minha vida foi uma vida muito boa. Uma vida... Tô mentindo se eu falar que eu tive... Eu me considero um cara assim, rico, milionário, sabe? Eu me considero. Não sou, mas me considero. Né?

Por fim, há a narrativa de Antônio Tavares Passos. Ela segue o mesmo padrão das anteriores, onde há uma ode ao envelhecer; tomando essa fase como proveitosa e como um período para aproveitar os anos trabalhados viajando, saindo com os amigos e usufruindo da aposentadoria. Além disso, enfatiza que para ele o envelhecer é apenas um processo de seu corpo, mas internamente continua jovem.

Ah, para mim eu acho normal ver esses envelhecimentos, sabe? Até porque eu envelheço por fora. Vou enrugar, não sei com 68 anos, não tenho acho nem tanta ruga assim. Porque eu já vi gente mais nova que eu, né? Com mais, né? Para mim é normal, porque a minha mente em assim não envelheceu. Eu tenho espírito de jovem. Eu saio com o jovem, eu fico o tempo inteiro conversando com ele, né? Inclusive eu tenho um sobrinho que gosta de vir em casa conversar comigo... Ele falou: "tio, vamos conversar um pouco". Eu sento lá no meio fio com ele na frente de casa, prefere ficar lá assim. Fico lá conversando com ele... A minha mente, ou seja, o meu envelhecimento é a minha mente de jovem. Não afeta nada para mim. Estou envelhecendo naturalmente. Essa é a palavra. Naturalmente.

Portanto, é possível perceber como aposentar-se cedo com bons salários colabora para um melhor envelhecimento. É preciso dizer aqui que, não considerado que seja um problema que haja idosos que desfrutem do seu envelhecimento com calma, tendo acesso à saúde, lazer e sociabilidade de qualidade e podendo passar

tempo em família; uma vez que esses elementos deveriam ser direitos garantido a todas as pessoas. As reflexões aqui funcionaram para refletir que, embora haja indivíduos que vivam assim, eles são a minoria e, esse tipo de experiência de envelhecimento não é homogênea.

Considerações finais

Assim como as pessoas, os espaços também envelhecem. Com a cidade não seriam diferentes. Tomando o município de Assis – SP, o presente texto buscou, através das narrativas de idosos que viverem próximo ou trabalharam com a atividade ferroviária, entender como esses sujeitos interpretam seus processos de envelhecimento e como a cidade faz parte dessas tessituras. Além disso, o fator ferroviário é de suma importância, uma vez que delimita a temática de experiências que tem se buscado conhecer através da pesquisa de iniciação científica que deu origem a esse texto.

Os resultados preliminares destacam a importância da ferrovia como um espaço de trabalho, convivência e lazer, que deixou marcas profundas na vida dos entrevistados. A "fraternidade ferroviária" emergiu como um tema recorrente, evidenciando o forte senso de comunidade entre os trabalhadores e suas famílias. Além disso, os relatos mostram como a aposentadoria precoce e os benefícios financeiros proporcionados pela ferrovia contribuíram para um envelhecimento mais tranquilo e privilegiado, contrastando com as dificuldades enfrentadas por idosos em outras condições socioeconômicas.

A pesquisa também chama a atenção para a heterogeneidade das experiências de envelhecimento, reforçando que fatores como classe social, acesso à saúde e redes de apoio são determinantes para a qualidade de vida na velhice. Embora os entrevistados tenham vivido um envelhecimento relativamente confortável, o estudo ressalta a necessidade de políticas públicas que garantam direitos básicos a todos os idosos, independentemente de sua trajetória profissional ou condição financeira. Por isso, os próximos passos da pesquisa baseiam-se em buscar sujeitos idosos que morem ao longo da linha férrea, através de caminhadas pelo espaço; tendo como objetivo principal conhecer e coletar narrativas que fluam de uma vertente

interseccional, levando em conta fatores como gênero, raça e classe. Isso será de suma importância para estabelecer comparativos com os materiais já coletados.

Por fim, o artigo demonstra o valor da História Oral como metodologia para ampliar vozes muitas vezes marginalizadas, como as dos idosos, e para preservar memórias que são fundamentais para a compreensão da história local e urbana. A ferrovia de Assis, mais do que uma infraestrutura de transporte, revela-se um símbolo de transformações sociais, identidades e afetos, cuja memória merece ser valorizada e perpetuada.

Referências Bibliográficas

- ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F. A. et. Al. (Orgs). **A produção do espaço urbano**. 1ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 19-39.
- BARROSO, E. P. **Reflexões sobre a velhice: Identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade**. História Oral, [S. I.J, v. 24, n. 1, p. 9–27, 2024.
- BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. **A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração**. Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR, Umuarama – PR, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CEDAP – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa. **Institucional**. Assis, SP: CEDAP. Disponível em: <https://www.assis.unesp.br/#!/pesquisa/cedap/informacoes/> . Acesso em: 13 fev. 2024.
- CORREA, M. R. **Cartografias do Envelhecimento na Contemporaneidade: Velhice e Terceira Idade**. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2009.
- CORREA, M. R. Envelhecer na cidade. **Revista espaço acadêmico**, n. 184, p. 35-46, set/2016.
- DEBERT, G. G. **A Reinvindicação da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP. 1999.
- DEBERT, G. G.; SIMÕES, J. A. A aposentadoria e a invenção da “terceira idade”. In: DEBERT, G. G.; SIMÕES, J. A.; et. al. **Antropologia e velhice**. Campinas: IFCH/UNICAMP. 2 ed. 1998. p. 29-45.

- DOMINGUES, A. R. O Envelhecimento, a Experiência Narrativa e a História Oral: um encontro e algumas experiências. **PSICOLOGIA POLÍTICA**, São Paulo, v. 14. n.31, p. 551-568, set./dez. 2014.
- FARRAH, M. Governo local, políticas públicas e novas formas de gestão pública no Brasil. **Organizações e Sociedade**. v. n.17, abr, p. 59-86, 2000.
- FERNANDES, A.; LIMA, L. M. G.; BARROS. J. Entre apagamento e memória: narrar a cidade hoje. In: FERNANDES, A.; LIMA, L. M. G.; BARROS. J. (Org.). **Cidades: Memórias, Histórias e Narrativas**. Universidade Federal de São Paulo, 2023, p. 7-26.
- LIMA, L. M. G. Velhices, história oral e tessituras do urbano. In: FERRERIA, M. de M.; LOWENTHAL, D. Como conhecemos o passado. **Projeto História 917**. São Paulo: EDUC, 1981.
- LUCENA, C. T. A arte da História Oral: dialogando com a memória. **História Oral**, v. 27, n. 2, p. 37-55, maio/ago. 2024
- MAGNANI, J. **O (velho e bom) caderno de campo**. Revista Sexta Feira, n. 01, p. 8-11, mai, 1997.
- MOREIRA, M. F. S. **A organização do processo de trabalho**: sua dimensão política na Estrada de Ferro Sorocabana (1920 - 1940). 1989. P. 300. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis. 1989.
- MOTA, B. M. **A ferrovia no espaço urbano de Assis/SP**: da preservação do patrimônio edificado à defesa da paisagem. 2014. p. 141. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Centro de Ciências Exatas, Ambiental e de Tecnologia da Política, Universidade Católica de Campinas. 2013.
- PEREIRA, M. I. F.; FIORIN, E. Assis: patrimônio ao longo do antigo leito férreo. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 03, n. 15, 2015, pp. 106-123.
- PORTELLI, A. História oral: Uma relação dialógica. In: PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta**. SANTHIAGO, R. (trad.). São Paulo, SP: Letra e Voz, 2016, p. 9-16.
- SENRA MARINHO DE LIMA, M. C. Cidade, identidade e os lugares de memória. **Revista Unimontes Científica, [S. I.]**, v. 14, n. 2, p. 01–11, 2020.
- SANTHIAGO R. (Org). **O desafio do diálogo: Reflexões sobre história oral nos 30 anos da ABHO**. São Paulo: Letra e Voz, 2024, p. 105-11.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. **História oral na sala de aula.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SENRA MARINHO DE LIMA, M. C. Cidade, identidade e os lugares de memória.

Revista Unimontes Científica, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 01–11, 2020.

WEIL, S. **O enraizamento.** trad.: LOUREIRO, M. L. Bauru, SP: EDUSC, 2001, pp.

271.